

A DESUMANIDADE FOI INSTITUCIONALIZADA¹

1 INTRODUÇÃO

O filme *Holocausto Brasileiro*, foi baseado no livro homônimo da jornalista Daniela Arbex e conta a história dos horrores praticados que causaram a morte de mais de 60 mil internos que eram mantidos em condições subumanas em um manicômio no interior de Minas Gerais.

Fundado no início do século 20 na cidade de Barbacena, com o objetivo de tratar doentes psiquiátricos, o Hospital Colônia se tornou ao longo de 50 anos (de 1930 a 1980) o palco para o que se pode chamar de um dos maiores genocídios da história do Brasil. Cerca de 60 mil pessoas morreram de fome, frio, maus tratos e de indiferença dentro de seus muros. Um verdadeiro holocausto.

2 DESENVOLVIMENTO

O termo Holocausto é utilizado para denominar a destruição sistemática da população judaica europeia levada a efeito pelos nazistas no período da Segunda Guerra Mundial. O conceito deriva do termo grego *holókauston*, tradução do termo bíblico hebraico *Shoah* [...] *Shoah* é uma palavra que vem do hebraico e que é utilizada na Bíblia para designar um cataclismo terrível (PEREIRA e GITZ, 2014, p. 23).

Como feito pelos nazistas na Segunda Guerra ao enviar principalmente judeus para os campos de concentração, no Brasil, no período destacado, os indesejados eram mandados para o Colônia, um verdadeiro depósito de gente. Não apenas os doentes mentais, mas todo tipo de desafeto social era enviado para lá, conforme o trecho do livro *Holocausto Social*, citado por Tolentino e Oliveira (2019, p. 2):

Cerca de 70% não tinha diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas, pessoas rebeldes, gente que tornara incômoda ou ameaçava a ordem pública. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, filhas de fazendeiros que perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado os seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta eram crianças. O “Colônia” transformou o

¹ Francielle Soares Cavalcanti. Acadêmica do Bacharelado de Ciências Contábeis. UNEB/Camaçari.

destino de desafetos, militantes políticos, mendigos, negros, pobres e, todos os tipos de indesejados, inclusive os insanos.

Ao chegarem ao Hospital Colônia, os passageiros do “trem de doido”, termo criado por Guimarães Rosa, eram despidos de seus pertences, seu passado e de sua dignidade, como demonstrado no recorte do livro que dá vida ao filme:

Os recém-chegados à estação do Colônia eram levados para o setor de triagem [...] viam-se separados por sexo, idade e características físicas. Eram obrigados a entregar seus pertences [...] enfrentando a humilhação de ficar nus em público. Todos passavam pelo banho coletivo, muitas vezes gelado. [...]perdiam o nome de nascimento, sua história original e sua referência, como se tivesse aparecido no mundo sem alguém que as parisse.

Ao invés de receberem tratamentos adequados, era comum os pacientes receberem eletrochoques, que também eram utilizados como castigo, uma forma de intimidação para manter a ordem, conforme relata Arbex: [...] os gritos de medo eram calados pela borracha colocada a força entre os lábios [...] o tratamento de choque e o uso de medicações nem sempre tinham finalidade terapêutica, mas de contenção e de intimidação.

Em um trecho do filme, um senhor, José Carlos Almeida, que buscando informação sobre a mãe, chora ao descobrir que o próprio pai, “a pedido verbal”, solicitou que ela fosse internada ali. “Foi cruel, não foi? Escondeu isso de mim. Eu não sabia que tinha mãe”, desabafa. O seu filho, André Almeida, que o acompanhava, relata que quando estava lendo o livro de Daniela Arbex, mostrou a foto de sua avó para o filho Bernardo de 8 anos, e este ao ver outra foto de pessoas presas em uma cela dentro do hospital pergunta: “Mas eles prendiam os loucos? Por quê que eles prendiam?” O pai responde: “Por que eles pensavam diferente, viam o mundo diferente, você entendeu?”. “Não”. “Eu também não”. Conclui.

Uma senhora, Geralda, conta que foi violentada aos 13, 14 anos pelo seu patrão, que era advogado, frisa bem sua profissão, internou ela e a deixou no hospital. O seu filho João Bosco, ao ficar maior, foi enviado para a Febem junto com outros garotos e quando ela pediu explicações para o responsável, Irmã Tereza, esta alegou que paciente estava alterada e deveria ser levada para a sala de eletrochoque. Não se queixou mais. Hoje, João Bosco Siqueira é bombeiro e em 2011, o Corpo de bombeiros de Minas Gerais localizou Geralda e promoveu o reencontro de mãe e filho, eles ficaram separados por 40 anos.

O filme conta não apenas as histórias dos pacientes, mostra o outro lado da história, o relato de antigos funcionários, aqueles que foram ativos na desumanização. Nesses depoimentos, fica claro mais um abuso: muitos pacientes eram usados como mão-de-obra barata (para não dizer, gratuita). Francisca dos Reis, funcionária, relata no filme que “muitos diretores do hospital levavam paciente também para ajudar na construção da casa deles, para ser pedreiro, servente de pedreiro”. O ex-funcionário Milton Raposo ainda acrescenta que “não tinha pagamento, eles tinham mordomia de sair do quarto, ganhar um maço de cigarro [...] Eu mesmo trouxe eles para trabalhar aqui nessa casa...”.

3 CONCLUSÃO

No hospital, ao invés de receberem tratamentos, os pacientes, internados à força eram desprovidos de sua identidade e de sua dignidade. Eram violentados e torturados, passavam frio e fome. E, quando morriam, muitas vezes seus familiares, quando conseguiam avisá-los, deixavam que a instituição fizesse o que quisesse com seus corpos. Seus cadáveres foram vendidos para várias faculdades de medicina ou eram jogados no cemitério, sem caixão, sem compaixão.

O que não se fala no documentário, mas pode-se perceber na fala de alguns ex-funcionários, é a falta de empatia mostrada com o próximo, tratava toda a situação como normal. A omissão e o descaso do Estado, dos profissionais da saúde, da sociedade é que foram capazes de permitir que 60 mil pessoas inocentes, que precisavam de ajuda, fossem tratadas com tanto descaso e indignidade.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Nilton Mullet; GITZ, Ilton. **Ensinado sobre o Holocausto na escola: Informações e propostas para professores dos ensinos fundamental e médio**. Porto Alegre: Penso, 2014. Disponível em: <<https://books.google.com.br>> Acesso em 14 Set. 2019.

TOLENTINO, Zelma Tomaz; OLIVEIRA, Liziane Paixão Silva. **Um trem de doido: O holocausto brasileiro sob a perspectiva dos direitos humanos**. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos>> Acesso em 14 Set. 2019.